

ABRANGÊNCIA NA PESQUISA SOBRE LEITURA NO BRASIL:  
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Michael Scott  
(PUC-SP)

O propósito do presente trabalho é considerar alguns dos pontos fortes e algum dos problemas no que tange a estudos sobre a leitura nos últimos anos. É evidente que o campo de leitura é visto como área de grande interesse tanto teórico como prático no nosso meio e, por conseguinte, esse interesse está sendo manifestado em um número crescente de trabalhos de pesquisa. Seria necessário, entretanto, refletirmos sobre algumas características dessas pesquisas, a fim de podermos traçar as principais linhas de progressão existentes. A vantagem de uma tomada de consciência é que possibilita correções de rumo.

Antes, porém, de iniciarmos essas reflexões temos duas confissões a fazer: a 'pesquisa sobre a pesquisa' aqui apresentada é fruto de uma amostra pequena e parcial, portanto não propriamente representativa (em parte por causa do fator divulgação, a que nos referimos mais adiante) e em segundo lugar, que as opiniões aqui apresentadas são nada mais que opiniões pessoais do presente autor. Na verdade, a intenção é fazer uma chamada a uma 'pausa para reflexão', para abrir o debate: Aonde vamos? O que pretendemos?

O trabalho consiste em quatro partes. Iniciamos indagando-nos sobre o que se entende por pesquisas nos departamentos de lingüística aplicada no Brasil: em seguida apresentaremos uma visão parcial das pesquisas em leitura produzidas nos últimos anos; em terceiro lugar distanciar-nos-emos destas pesquisas para avaliá-las, vendo alguns pontos fortes e fracos; e terminaremos com algumas recomendações e pedidos.

O que se entende por 'pesquisa'

Dennis Preston, então professor visitante na UFRGS, comentou certa vez que havia sido convidado a ajudar os alunos daquela instituição a fazer "pesquisas empíricas": o problema para ele foi saber que outro tipo de pesquisa existe que não

fôsse 'empírica'. De acordo com a tradição norte-americana, parece, de fato, que 'research' significaria, como diz Tuckman, "systematic, logical, empirical, reductive, replicable, transmittable". (1978:11-12). Distingue-se aí, facilmente, uma visão essencialmente norte-americana: a aplicação do método científico a estudos na área da educação. Nesta visão, não existiria pesquisa sem dados, portanto toda pesquisa seria empírica, e daí a perplexidade do professor Preston diante do aparente pleonasma no pedido a ele feito.

A tradição brasileira, no entanto, evidentemente não compreende apenas a noção de pesquisa 'empírica'. Como veremos adiante, produz-se no Brasil um número respeitável de trabalhos que, conforme a linguística descritiva, temos de reconhecer, são de fato chamados de 'pesquisa', mas que não contêm dados empíricos, nem se baseiam em levantamentos de dados. Resultam, pelo contrário, de reflexões teóricas, e sobre argumentações lógicas como a própria metodologia helenística, que evidentemente precede o método científico, mas que não pode ser desprezada por este fato.

Distinguiremos as seguintes categorias de 'pesquisa': a pura (ou básica) em contraste com a aplicada; a teórica argumentativa contraposta à empírica; dentro da última, a que testa hipóteses em contraste com a que chamaremos (não pejorativamente) de discursiva; a sincrônica versus a longitudinal; e a que descreve processos, distinta da que estuda produtos. Outro parâmetro importante no presente trabalho diz respeito à(s) língua(s) estudada(s): L1 (português), L2 (inglês, francês, etc). ou L1 e L2.

### Uma amostra de pesquisas brasileiras em leitura

Para analisar a produção recente de pesquisas brasileiras, tomou-se uma amostra aleatória de 30 trabalhos. Os únicos critérios de seleção foram que tais trabalhos existam em manuscritos ou já impressos, portanto publicamente disponíveis, que datassem de 1980 até o presente, e que quando contivessem dados, que tais dados fossem sobre leitores brasileiros (geralmente leitores universitários). A amostra é, evidentemente, pequena e limitada; não inclui alguns trabalhos importantes, e presumivelmente reflete viés geográfico e institucional. Espera-se, porém, que possa refletir pelo menos algumas das tendências na pesquisa recente no Brasil.

A tabela 1 proporciona uma idéia da abrangência na pesquisa atual. Percebe-se que (na amostra colhida) existe forte interesse tanto em entender e clarificar a teoria, como também em testar hipóteses, numa visão centrada no método científico. (Permitimo-nos registrar a nossa discordância com a arrogância implícita no artigo definido que sempre acompanha 'método científico'.)

Tabela 1. Distribuição dos tipos de pesquisa na amostra. (\*)

PURAS	17	APLICADAS	13		
TEÓRICO- ARGUMENTATIVAS	07	EMPIRICAS	23		
L1	12	L1 & L2	04	L2	13

A primeira divisão na tabela 1, puras v. aplicadas, é a divisão tradicional. As pesquisas aplicadas, no caso, vão além do teórico e procuram tirar conclusões práticas. A segunda divisão, que veremos em maior detalhes adiante, concerne a coleta e análise ou não de dados empíricos.

Nota-se na tabela uma evidente preocupação com as línguas estrangeiras. Sem dúvida os números refletem os interesses do presente autor; mesmo assim acreditamos que o maior impulso para a pesquisa tenha surgido entre os que enfrentam a necessidade de ensinar a leitura, e entre estes há um bom número que ensinam a leitura em língua estrangeira.

Restringindo a nossa atenção às pesquisas empíricas, que são detalhadas um pouco mais na tabela 2, a seguir, há outras tendências merecedoras de comentário. Parece haver um equilíbrio entre os trabalhos que procuram eliminar hipóteses e os que chamamos 'discursivos', cuja motivação principal parece ter sido a de estender a teoria a partir de uma análise dos fatos encontrados, sem tratamento estatístico ou com uma estatística descritiva simples.

Tabela 2. Distribuição das pesquisas empíricas. N = 23

TESTADORAS DE HIPÓTESES	11	DISCURSIVAS	13
SINCRÔNICAS	22	LONGITUDINAIS	02
DADOS-PRODUTO	20	DADOS-PROCESSO	04

Embora usásemos o termo longitudinais, na verdade a amostra não contém estudos nos quais a variável tempo exceda a um semestre. Evidentemente a pesquisa tem-se concentrado em estudos a curto prazo, por exemplo algumas semanas ou meses.

\* A lista dos trabalhos lidos encontra-se na Apêndice. Cada trabalho vem acompanhado de um abstrato em português

No que tange à última categoria, vale mencionar que nos últimos dois anos, aproximadamente, houve um surgimento de trabalhos que procuram analisar os processos dos leitores durante o ato de ler, todavia tais trabalhos ainda não vieram à tona, por assim dizer. Se fossemos refazer este estudo na próxima década, é provável que a falta de equilíbrio agora visível na tabela 2 deixasse de existir, pelo menos no que se refere a estudos usando dados-produto em comparação com dados-processo.

As seguintes tabelas proporcionarão uma idéia mais precisa da relação entre as duas primeiras tabelas e os trabalhos da amostra.

Tabela 3. Pesquisas teórico-argumentativas na amostra.

Autor(es)	Data	Tópico	Língua
Cavalcanti	83b	'Stages' e 'Phases' na leitura	-
Fulgêncio et alii	82	Fatiamento	L1
Kato	82a	Informação 'velha' e 'nova'	L1
Kato	82b	Reconhecimento instantâneo	L1
Kato	83	Estratégias	L1
Orlandi	84	Criação e interpretação de texto	L1

Todos os trabalhos da tabela 3 visam estender e esclarecer as teorias da leitura, na maioria numa perspectiva de L1. Assim sendo, não há preocupação explícita com o ensino, ou pouquíssima menção é feita ao mesmo.

Os trabalhos da tabela 4 têm uma orientação oposta: são dissertações escritas com o objetivo tanto de esclarecer as teorias relevantes à leitura, como também de exemplificar as idéias de forma bem prática, incluindo materiais para o ensino, todos visando a leitura em inglês.

O tratamento estatístico varia entre uma ausência total (Baltra 82 tem uma orientação filosófica fenomenológica) a um tratamento bastante completo, no caso de Harbich 81.

Tabela 4. Pesquisas práticas com materiais didáticos

Autor	Data	Tópico	N suj.	Estat?	Procedimentos
Baltra	82	Inglês científico	1 pr.	-	introspecção
Carvalho	84	Ensino de estratégias	5 al.	alg.	protocolos escritos e escores
Dias	85	Aspectos visuais	-	-	
Harbich	81	Metodologia instrum.	25 al.	sim	escores em testes

A categoria N subj. refere-se ao número de sujeitos com os quais foram testados os materiais e métodos, sendo pr. professor e al. aluno. O tratamento estatístico, quando há, encontra-se disposto a três níveis, nenhum, algum, e relativamente completo (sim). Os Procedimentos proporcionam uma idéia do tipo de dados utilizados, quando houve análise de dados.

Nas duas próximas tabelas verificamos alguns exemplos de pesquisas que testam hipóteses (tabela 5) e as 'discursivas', (tabela 6) cujo propósito parece ter sido de esclarecer as teorias com ajuda de alguns dados empíricos, embora não tratados estatisticamente. Alguns exemplos, como se vê na tabela 6, não explicitam o número de sujeitos, e as estatísticas proporcionadas geralmente são imprecisas. O número de sujeitos estudados nas pesquisas que testam hipóteses.

Tabela 5. Pesquisas empíricas que testam hipóteses

Autor(es)	Data	Tópico	N	subj.	Estat?	Procedimentos	L	Imp.*
Boxwell	80	Língua v. área	18	al.	sim	escores em testes	2	sim
Carioni	85	Referênc. anafórica	94	al.	sim	escores em testes	1&2	-
Celia	85	Tipos de teste	550	al.	sim	escores em testes	2	sim
Kleiman & Terzi	84b	Resumo	40	al.	alg.	resumos	1	-
Koerich	86	Resumo	42	al.	sim	resumos	1&2	-
Leffa	84	Monitor n. de compreensão	99	al.	sim	escores	1&2	sim
Paes de Barros	82	Resumo	10	pr., al.	-	apagamento sentenças	1	-
Perini	82	Legibilí de.		vários	sim	escores em testes	1	-
Scott	82	Preferên. tópicos de textos	262	al.	sim	questionário	2	sim
Scott	84	Inferência lexical	25	al.	sim	escores em testes	2	-

\*Imp = Implicações pedagógicas explicitamente mencionadas.

Tabela 6. Pesquisas 'discursivas'

Autor(es)	Data	Tópico	N	subj.	Estat?	Procedimentos	L	Imp.
Cavalcanti	83a	'Frame' & 'schema'	4	al.	-	protocolos	2	-
Coracini	84	Estrutura textual	-		-	análise de textos	1&2	sim
Elias	82	Estrutura textual	?	al.	-	escrita dos al. & comentários	1	-
Elias	84	Inferênc. não-autorizadas	1	al.	-	análise de resumos	1	-
Grigoletto	84	Máximas de compreensão	56	al.	-	protocolos de recordação	1	-
Holmes	84	Reconhec. de cognatas	18	al.	alg.	sublinhar, e prot. orais	2	sim
Kato	84	Estratég. de leitura	1	al.	-	protocolo oral	2	sim
Kleiman	85	Inferência lexical	22	al.	alg.	escores em testes	2	sim
Kleiman & Terzi	84a	Expectativ. culturais	?	al.	-	experiência sala de aula	2	sim
Paes de Barros & Rojo	84	Resumo	5	pr.	-	análise de resumos	1	-

### Discussão

Na medida em que os estudos aqui apresentados são representativos, podemos distinguir alguns pontos fortes e pontos fracos na pesquisa atual sobre leitura no Brasil.

Em primeiro lugar, parece-nos que muitos estudos tem pouco rigor estatístico. Se compararmos as pesquisas na tabela 5, por exemplo, com os estudos publicados em Reading Research Quarterly, vemos que o lado estatístico das pesquisas brasileiras está bem menos desenvolvido. Muito raramente as pesquisas na presente mostra apresentam o desvio-padrão quando dão médias, e menos estudos ainda calculam o grau de significancia quando comparam diferenças. Ora, uma média é quase ininterpretável sem o seu desvio-padrão correspondente. A média de idade das pessoas que vão frequentar uma festa pode ser 20 anos: se forem só jovens entre 17 e 25 aos haverá um desvio-padrão pequeno - se se trata de pais de 35 anos com seus filhos de 5 anos a média será a mesma mas o desvio-padrão maior. O grau de significancia ajudar-nos-á a saber se a diferença encontrada, por exemplo entre escores dos meninos e escores das

meninas indica uma diferença provável, ou seria uma mera coincidência.

Por que esta falta de rigor estatístico nos trabalhos? A razão principal parece-nos uma falata de treino para isso, nos cursos de mestrado em linguística aplicada no País. Muitos acadêmicos da área humanística temem a matemática, é verdade, da mesma forma que muitos matemáticos temem as línguas estrangeiras ... Na maioria das universidades, porém, existe, um setor do Departamento de Estatística e Computação encarregado de orientar a quem precisa de ajuda deste tipo.

Em segundo lugar, notamos duas outras 'faltas': como mencionado antes, a falta de estudos dos processos de leitura, falta que acreditamos ser temporária, e uma falta provavelmente mais permanente de estudos a longo prazo, seguindo o desenvolvimento da leitura por vários anos. Por exemplo, seria necessário investigar não só os progressos dos principiantes em leitura num determinado semestre ou ano escolar, mas realizar também 'follow-up' em outros anos. Afinal, o que interessa é o efeito duradouro.

Do lado positivo, estudando os tópicos das pesquisas apresentados nas tabelas anteriores, pudemos chegar a três conclusões: 1) que há bastante abrangência nos tópicos abordados, 2) que os tópicos estudados são realmente importantes e atuais, em termos internacionais, e 3) que existe uma preocupação ao nosso ver saudável em pesquisar a teoria. Para explicar melhor esta última conclusão, podemos constatar o interesse evidente na tabela 1 em pesquisa pura, e a constante preocupação dos teóricos em enfatizar as implicações teóricas nos seus estudos. Da mesma maneira que podemos viver para comer ou comer para viver. (em inglês perguntamos 'Was the Sabbath made for man, or man made for the Sabbath?') é muito possível, na tradição anglo-saxão, produzir trabalhos cuja motivação principal parece ter sido ou 'publish or perish', ou então aproveitar aquele micro-computador e o novo pacote estatístico, para calcular pilhas de estatísticas de pouco interesse prático ou teórico.

Além da preocupação teórica, existe também visível nas tabelas 5 e 6 o interesse em explorar as implicações pedagógicas, em L1 ou L2. Em relação às duas situações de ensino, parece-nos existir um interesse em lidar com a realidade no Brasil, não apenas importando modelos do exterior, mas criando-os aqui. Em certas áreas de ensino, parece-nos, o Brasil tem algo a oferecer a países vizinhos e de outros continentes, sobretudo no que tange à prática de partir do conhecido (por exemplo, palavras cognatas e estrutura do texto), e à conscientização.

### Os rumos do futuro

Faz-se necessário pesquisar cada vez mais e melhor. Para isso, como observamos antes, precisamos introduzir mais rigor na nossa pesquisa, sem ao mesmo tempo cegar-nos na estatística.

O mais importante, porém, não diz respeito a rigor: é a comunicação dos nossos trabalhos de pesquisas em leitura. A amostra na pesquisa sobre a pesqui-

sa´ aqui descrita é muito pequena e não muito representativa - a causa disso está na falta de divulgação no País. Na terceira página do presente artigo, dissemos que os trabalhos da amostra existem em manuscritos disponíveis. O leitor pode estar se perguntando: disponíveis aonde?

elizmente existe um centro nacional onde podemos guardar um arquivo dos trabalhos na área: o Centro de Pesquisas, Recursos, e Informações em Leitura (CEPRIL), que se encontra na PUC de São Paulo (CEPRIL, PUC, Rua Monte Alegre 984, 05014 São Paulo SP). O CEPRIL mantém um arquivo de livros e artigos, além de materiais didáticos principalmente de ensino de leitura em inglês, e tem a possibilidade de conseguir artigos do exterior e fazer pesquisas bibliográficas nos bancos de dados internacionais.

Terminamos, portanto, com um apelo: quem escreveu um artigo ou uma dissertação nesta área, mesmo que não tenha sido publicado, deveria enviar uma cópia ao CEPRIL, para outros pesquisadores tomarem conhecimento. A vantagem será mútua.

#### REFERÊNCIA

TUCKMAN, Bruce W. Conducting Educational Research. New York: Harcourt Brace Jovanovich (2 edição) 1978.

#### AGRADECIMENTO

Agradecemos à colega Dr Mary Kato, por suas observações numa versão preliminar deste trabalho.

---

#### BIBLIOGRAFIA

BALTRA, Armando, H.M. Reading for academic purposes: an eclectic exploration into reading theories and practical classroom applications, Dissertação de doutorado, PUC-SP, 1982.

Contem uma discussão extensa da psicolinguística do processo de leitura, especialmente no que refere a leitura em inglês para fins acadêmicos. Incorpora uma visão fenomenológica, baseada na introspecção. Contem grande quantidade de material didático.

BOXWELL, Heloisa M.F. Leitura de textos técnicos em uma segunda língua, dissertação de mestrado, UFPE, 1980.

18 professores e profissionais fazendo mestrados em sociologia, linguística ou farmácia leram um texto de 200 palavras sobre sociologia e responderam a 5 per-

guntas abertas. Depois tiveram acesso a um glossário e responderam a mais 5 perguntas. Finalmente responderam a 10 perguntas de opção múltipla sobre gramática e compreensão. Alunos de sociologia e de linguística tiveram melhor desempenho. Conclui-se que a 'sintonia temática' foi mais significativa em prever os resultados que o conhecimento da língua inglesa. O estudo é complementado com sugestões didáticas baseadas em 'roteiros simbólicos do texto' marcados com símbolos especiais no texto.

CARIONI, Lilia M. "Brazilian readers and contextual reference", Ilha do Desterro, 13, pp. 83-91, 1985.

Procura descobrir se as dificuldades de alunos de graduação em ler em inglês decorrem mais de desconhecimento da língua inglesa ou de problemas de processamento de textos. 94 alunos da UFSC responderam a 24 perguntas de opção múltipla sobre referência anafórica de dois tipos: ou referente curto de uma palavra ou frase (R1), ou referente longo de sentença ou parágrafo (R2), baseado em textos em inglês e português. O desempenho foi significativamente melhor com antecedentes tipo R1, e melhor mas não significativamente melhor em português. O estudo conclui que a referência contextual é mais um problema de processamento de textos em geral do que problema de conhecimento do inglês.

CARVALHO, Lina Rosa L.R.G. de Reading strategies in English as a foreign language, dissertação de mestrado, UFSC, 1984.

20 alunos da graduação na UFPI fizeram resumos de um texto autêntico em inglês, e responderam a um questionário sobre suas estratégias. Assim identificou-se 5 leitores fracos que receberam um curso especial frisando a conscientização dos processos de leitura. No fim do curso suas estratégias foram re-examinadas e melhorias significantes encontradas.

CAVALCANTI, Marilda Frames and schemata in FL reading, trabalho apresentado no V ENPULI, São Paulo, 1983a.

Esclarece e define os termos schemata, frame, script, plan, goal, scenario, etc. Distingue duas categorias básicas: frame, ativado por input ascendente porém essencialmente orientante, por exemplo lendo um trabalho numa outra área; e schemata, descendente "as the system searches for information to fit into partially-satisfied, higher-order schemata" (Adams & Collins 1979:5), por exemplo organização-estrutural-de-trabalho-e-científico. Também relato um estudo baseado em análise de protocolos orais com 4 informantes, mostrando exemplos destes construtos e a presença nas interações de conflitos entre os sistemas de valores do leitor e do autor.

CAVALCANTI, Marilda Examining the reading process: Speculations about the FL reader-text interaction, trabalho apresentado no V ENPULI, São Paulo, 1983b.

Distingue duas estruturas no processo de leitura: 'stages', nos quais o leitor reduz o conteúdo, ou seja traduz nas suas próprias idéias, e modifica tais idéias segundo se está sendo submissivo ou dominante na leitura, e 'phases', que compreendem orientação, seleção, extrapolação, integração, e avaliação, não necessariamente nessa ordem. O trabalho então classifica alguns problemas que podem surgir em vários 'stages' ou 'phases' do progresso do leitor através de um texto.

CÉLIA, Maria Helena C. "Compreensão de leitura: adequação do exame de proficiência à realidade dos programas de pós-graduação", Ilha do Desterro, 13, pp. 11-30, 1985.

Relata uma série de 3 versões de um teste de proficiência para alunos de pós-graduação na UFRGS, com um total de 550 alunos. As versões foram testadas na sua fidedignidade e validade, com resultados considerados satisfatórios. A versão final do teste consistiu em 10 perguntas de opção múltipla a um nível de compreensão detalhada, 10 ítems que requeriam 'scanning', e uma tradução para o português de um entre 15 resumos de uma gama variada de áreas.

CORACINI, Maria José As marcas da enunciação no artigo científico, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

Compara estruturas textuais de trabalhos científicos da França e do Brasil, achando similaridade nas macroestruturas mas várias diferenças significativas na realização, sobretudo em termos de uso de pronomes e formas verbais.

DIAS, Reinildes The semiotics of written discourse and the dual representation of information in memory: an application of nonverbal elements to FL reading methodology, Dissertação de mestrado, UFMG, 1985.

Considera o processamento cognitivo, com especial ênfase na teoria de Paivio de codificação dupla (dual coding), relacionando o verbal com o visual. Isto se vê então aplicado em atividades didáticas sugeridas, com bastante material fornecido.

ELIAS, Margarethe S. A estruturação textual e seus efeitos sobre a legibilidade do texto, trabalho apresentado no Primeiro Encontro de Leitura, PUC-SP, 1982.

Considera estrutura textual e legibilidade, usando um corpus de 12 textos dissertativo-argumentativos. O trabalho propõe uma teoria de 'autonomia interpretativa' pela qual fatias de texto seriam mais ou menos autônomas (redundantes) em relação ao macro-tópico geral do texto, conforme o seu grau de cancelabilidade. Ilustra-se diferentes tipos de estrutura textual: hierárquica, em cadeia, e composta (cadeia com hierarquia). Os sujeitos, alunos universitários, acharam mais fáceis de compreender as estruturas hierárquicas, mas na sua escrita tenderam a usar estruturas em cadeia. Os informantes também confirmaram que a ordem canôni-

ca de constituintes (por exemplo tópico seguido por comentário) seria melhor compreendida, e que as estruturas mais complexas (por exemplo hierarquias) seriam melhor compreendidas se os constituintes eram menos autônomos.

ELIAS, Margarethe S. Considerações sobre a 'autorização' de inferências na compreensão textual, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984. Relata as inferências feitas por um aluno de graduação enquanto preparava um resumo em língua materna, e considera porque o aluno fez certas inferências não autorizadas na leitura do texto.

FULGENCIO, L., Perini, M. & Rehfeld, M.B. Percepção linguística e fatiamento, trabalho apresentado no Primeiro Encontro de Leitura, PUC-SP, 1982. Analisa a noção de 'chunk' (Miller, 1956) e propõe os termos 'fatia' e 'fatiamento'. Explora as possibilidades teóricas em termos de tamanho de fatias, duração de fixação, e estratégias de predição.

GRIGOLETTO, Marisa Reader's striving for coherence: a basic principle in reading comprehension, trabalho apresentado no Primeiro Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

Estuda as máximas de Scott (1983), solicitando a 56 alunos de graduação que lessem um texto em português para depois re-escrever-lo sem ter acesso ao texto. O texto é incompleto e incoerente, contendo dois fragmentos em um texto. Os sujeitos tenderam a integrar os dois fragmentos. O trabalho fornece evidências de ativação de esquemas.

HARBICH, Fátima M. A instrumentalidade no ensino de leitura em inglês: uma abordagem comunicativa, Dissertação de mestrado, UFRGS, 1981.

Produção de um curso de Inglês instrumental para 25 alunos de graduação do curso de biblioteconomia na UFRGS, à luz das teorias de Goodran e Smith, e de Munby. O material foi testado e o rendimento dos alunos testado antes do curso, novamente depois de um semestre (30 hora), e depois de um segundo semestre (60 horas). Observou-se ganhos notáveis. 13 alunos fizeram os dois semestres. Observou-se também as opiniões e as estratégias de leitura dos alunos.

HOLMES, John Snarks, quarks and cognates: an elusive fundamental particle in second language reading processes, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

Discute e define o termo 'cognata', e relata um estudo-piloto com 16 alunos de Inglês Instrumental no qual pediu-se que sublinhassem as cognatas em dois textos. Dois outros alunos fizeram uma tradução dos mesmos textos e protocolos orais foram gravados. O trabalho considera os fenômenos de reconhecimento errado e de atribuição à categoria gramatical errada, e conclui com discussão das im-

plicações didáticas, além de sugestões para mais investigação deste tópico pouco pesquisado.

KATO, Mary A. Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura, trabalho apresentado no Primeiro Encontro de Leitura, PUC-SP, 1982a.

Explica os termos top-down, bottom-up, e schema, e sugere que os problemas dos leitores e as suas estratégias possam relacionar-se com os diferentes processos em uso, apropriadamente ou não, enquanto os leitores procuram relacionar formas novas e informações novas aos esquemas e as informações no seu conhecimento prévio.

KATO, Mary A. "Reconhecimento instantâneo e processamento em leitura", Série Estudos, 8, Uberaba MG, 1982b.

Considera a noção que, pela familiaridade, os leitores podem reconhecer fatias cada vez maiores, partindo de letras e sílabas, por palavras e frases; depois considera como durante a leitura de um texto, as frases podem tornar-se automatizadas, parte do léxico do leitor, 'velhas'. O trabalho desenvolve a idéia que isto implica na existência de uma memória a médio prazo, que armazena informações-novas-no-texto-que-se-tornaram velhas.

KATO, Mary A. "Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos", Cadernos PUC, 16, pp. 9-33, 1983.

Esclarece a noção de 'estratégia', contrastando a teoria de complexidade derivacional ao das estratégias perceptuais, e mostrando como certos princípios e máximas operam para desambiguar ou resolver problemas de referência anafórica, e como os esquemas operam com as estratégias de leitura. O trabalho também distingue entre estratégias conscientes e as inconscientes, e estratégias pragmáticas.

KATO, Mary A. "Estratégia cognitivas e meta-cognitivas na aquisição de leitura", Anais do Primeiro Encontro Interdisciplinar de Leitura, UEL, pp. 102-115, 1984.

Distingue entre estratégias conscientes, não-automáticas (as metacognitivas), e as que controlam comportamentos automáticos e inconscientes (as cognitivas). Ilustra-as com referência a um leitor brasileiro lendo em inglês, num estudo de protocolo oral. Observa 'fechamento precipitado', onde o aluno se guia equivocadamente pelo trabalho de Pedrosa, que encontrou evidências de monitoração de compreensão em leitores brasileiros nos níveis de palavra ou de sentença, mas não a nível de texto. Termina com implicações e sugestões didáticas.

KLEIMAN, Angela B. "Estratégias de inferência lexical na leitura de segunda língua", Ilha do Desterro, 13, pp. 67-82, 1985.

22 alunos de Inglês Instrumental na graduação leram um texto autêntico e realizaram três tarefas: a) resumí-lo, b) traduzir 8 palavras ou frases do texto, c)

responderam a 10 questões de referência de pronomes. A tarefa de resumo foi frequentemente bem desempenhada apesar do aluno mostrar pela tarefa b) que não compreendia o léxico. de forma parecida, a tarefa c) também mostrava erros onde o resumo estava correto. Estratégias utilizadas pelos sujeitos incluíram evitar, e 'reajuste estrutural': recombina as relações semânticas baseando-se num incorreto reconhecimento lexical. Em termos de inferência lexical, houve frequentes erros de reconhecimento: 'anti-biótico' em vez de 'antibodies', 'saúde' (health) no lugar de 'heart'. Os sujeitos tiveram tendência a relacionar o conteúdo ao título e ao sub título, e de inferir usando o contexto imediato intra sentencial. O artigo termina com uma série de recomendações didáticas.

KLEIMAN, Angela B. & TERZI, Sylvia B. Culturally-based expectations in second-language reading, trabalho apresentado no VI ENPULI, Recife, 1984a.

Considera a noção que onde há uma diferença cultural, o processamento descendente pode enganar o leitor nos processos de inferência e de compreensão. Relata exemplos provenientes de um curso de leitura dado pelas autoras, mostrando que os alunos constroem edifícios sem fundamentos, usando pistas mínimas, e frequentemente culturalmente mal-interpretadas. O trabalho sugere atividades de pre-leitura para ajudar os alunos a compreender mais apropriadamente.

KLEIMAN, Angela B. & TERZI, Sylvia B. Fatores determinantes na elaboração de resumos: maturação ou condições da tarefa?, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984b.

Considera a produção de resumos feitos por 40 alunos de 8 série lendo em português, à luz de regras de apagamento, generalização, seleção e construção. Depois da leitura, um grupo escreveu o resumo sem ter acesso ao texto, e o outro pôde ver o texto enquanto produziam os resumos. O primeiro grupo escreveu resumos mais coerentes e o segundo utilizou quase exclusivamente o apagamento, aparentemente operando num nível de sentença na decisão se convinha ou não apagar informações. As autoras concluem que o problema seria um artifato da tarefa, não de maturação.

KOERICH, Rosana D. A comparative study of students' ability to distinguish main points from details in English and Portuguese, Dissertação de mestrado, UFSC, 1986.

Utilizou-se um design equilibrado para estudar os resumos feitos em português por 42 alunos de graduação lendo um texto em inglês e outro em português. Uma análise de conceitos revelou que os sujeitos tiveram dificuldades nas duas línguas em distinguir idéias centrais de detalhes. Não houve correlação entre conhecimento de inglês e habilidade de resumir, ou habilidade de distinguir idéias centrais.

LEFFA, Vilson J. The role of comprehension monitoring skills and syntactic competence on reading comprehension in a foreign language, Dissertação de doutorado, University of Texas at Austin, 1984.

A fim de descobrir as relações entre habilidade de monitorar a compreensão, a competência sintática em inglês, e a compreensão de leitura em inglês, foram preparados e aplicados 3 testes em 99 alunos de inglês instrumental na UFRGS. A tarefa de monitoração da compreensão consistiu em textos com o seu inconsistências internos, a tarefa sendo de descobrir se o texto era ou não inconsistente e justificar a resposta dada. As conclusões foram que a compreensão relaciona-se melhor com a competência sintática do que com a habilidade de monitorar a compreensão.

ORLANDI, Eni P. Significação, leitura e redação, trabalho submetido ao Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

Analisa aspectos histórico-sociais, situacionais e ideológicos da produção de textos. Distingue entre processos 'polisêmicos' e 'parafrásticos', e nos últimos, graus de legitimidade maiores e menores. Considera as implicações políticas da noção 'conhecimento legítimo', e a criação pela classe operária de um conhecimento autêntico e até agora não reconhecido.

PAES DE BARROS, Anna Rachel. O papel da super-estrutura na compreensão e no resumo de textos dissertativo argumentativos, trabalho apresentado no Primeiro Encontro de Leitura, PUC-SP, 1982.

Considera as regras de macro-estrutura de Kintsch & van Dijk, e relata uma experiência na qual 5 alunos de graduação e 5 professores tiveram de selecionar sentenças de um texto argumentativo-dissertativo para reter somente as idéias principais, portanto um exercício de apagamento. Os professores tiveram um desempenho satisfatório mas os alunos não souberam selecionar sentenças que contivessem proposições de ordem superior.

PAES DE BARROS, Anna Rachel & ROJO, Roxane H.R. Convergência em leitura: reflexões sobre uma análise de resumos, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

5 leitores proficientes fizeram um resumo de um texto jornalístico em português, com o texto em mãos, e os resumos foram analisados à luz do modelo proposicional de Kintsch & van Dijk e da teoria de Toulmin de estrutura de argumentos. Encontrou-se uma variação considerável, e o trabalho argumenta que a aplicação mecânica de regras de redução não prediz satisfatoriamente os resumos, embora regras que predizem um conteúdo mínimo sejam possíveis.

PERINI, Mario A. Definição linguística da legibilidade, mimeo, UFMG, 1982.

Relatório preliminar sobre um conjunto de estudos analisando a legibilidade em relação a: advérbios inseridos entre verbo e objeto (172 alunos de 8<sup>a</sup> série), referência anafórica ao tópico do discurso ou a outra entidade (317 alunos de 8<sup>a</sup> série), elementos 'dados' em cadeia, comparações de estilo escrito e falado (estudo cadeia, comparações de estilo escrito e falado (estudo das repetições orais), referências anafóricas explícitas versus inferidas (estudo planejado), os 'centers of interest' do Chafe (estudo planejado), fatiamento (v. Fulgêncio et alii) e teoria de esquemas.

SCOTT, Michael R. "An investigation into student preferences regarding the topics of texts", ESpecialist, 4, pp. 19-25, 1982.

262 alunos de graduação da UFSC preencheram um questionário sobre o seu interesse potencial em 30 tópicos de texto, apresentados como títulos. Os tópicos preferidos foram os sobre assuntos políticos e educacionais, e as vezes sobre a área do aluno. Entretanto, todos os tópicos foram preferidos por alguns e totalmente rejeitados por outros. Considera as implicações para a seleção de textos.

SCOTT, Michael R. Vocabulary inference effects in reading English as a foreign language, trabalho apresentado no Segundo Encontro de Leitura, PUC-SP, 1984.

25 alunos de graduação da UFSC tentaram traduzir ou explicar 12 substantivos de dois textos em inglês antes de vê-los, depois leram e prepararam resumos em português e finalmente re-traduziram os itens com o texto em mãos. A compreensão teve uma correlação de 0.7 com o conhecimento prévio de vocabulário, mas não houve evidências de um 'threshold effect' sugerido por outros autores: os sujeitos com pouco vocabulário prévio não eram menos capazes de inferir o significado das palavras desconhecidas do que os com maior vocabulário inicial. As palavras cognatas foram geralmente reconhecidas antes do sujeito ver o texto. Notou-se uma correlação pequena entre frequência do ítem e a inferência.